

COM PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA EM ALTA, PREÇOS SEGUEM PRESSIONANDO A RENDA DO AGRONEGÓCIO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), registrou queda de 2,58% de janeiro a agosto de 2017. Os

segmentos da agroindústria, agrosserviços e insumos recuaram 4,15%, 3,55% e 2,93%, respectivamente. Por outro lado, o segmento primário segue em alta, de 0,91% no acumulado do período (Tabela 1). O desempenho mensal foi negativo para todos os segmentos. (Tabela 1).

Conforme será detalhado no presente relatório, esse cenário de baixa na renda do agronegócio reflete a queda média de preços reais dos produtos nos segmentos primário e agroindustrial.

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação mensal e acumulada no período (%)

| | Insumos | Primário | Agroindústria | Agrosserviços | Agronegócio |
|--------------------------|---------|----------|---------------|---------------|-------------|
| ago/17 | -0,81% | -0,90% | -0,07% | -0,39% | -0,46% |
| Acumulado (jan-ago/2017) | -2,93% | 0,91% | -4,15% | -3,55% | -2,58% |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

As Tabelas 2 e 3 apresentam os resultados, mensais e do acumulado no ano, dos ramos agrícola e pecuário. No agrícola, como no agronegócio, apenas o segmento primário registrou elevação entre janeiro e agosto (2,83%). Tal crescimento no acumulado não foi suficiente para se sobrepor às reduções verificadas nos segmentos de insumos (-2,74%), agroindústria (-4,28%) e agrosserviços (-3,73%), resultando em baixa de 2,31% do PIB do ramo no período (Tabela 2).

O resultado positivo observado no segmento primário da agricultura decorre da maior produção prevista para o ano (14,72%, na média ponderada dos produtos acompanhados), já que os preços reais seguiram em forte retração (-12,47%), na comparação dos primeiros oito meses do ano frente ao mesmo período de 2016. Em agosto, apenas o segmento de insumos apresentou alta (0,66%).

Enquanto o desempenho dos segmentos de insumos e primário do ramo agrícola apresentaram desempenho relativamente melhor que desses segmentos no agronegócio como um todo --2,74% e +2,83%, frente a-2,93% e +0,91%, respectivamente – o desempenho dos segmentos agroindustrial e de agrosserviços foi relativamente pior no ramo agrícola (-4,28% e -3,73%, respectivamente) que no agronegócio como um todo (-4,15% e-3,55%, respectivamente).

Tabela 2. Ramo Agrícola: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

| | Insumos | Primário | Agroindústria | Agrosserviços | Total |
|--------------------------|---------|----------|---------------|---------------|--------|
| ago/17 | 0,66% | -1,17% | -0,03% | -0,50% | -0,49% |
| Acumulado (jan-ago/2017) | -2,74% | 2,83% | -4,28% | -3,73% | -2,31% |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

No ramo pecuário, todos os segmentos apresentaram retração em agosto e no acumulado desde o início do ano (Tabela 3). Como no ramo agrícola, os preços exerceram pressão significativa sobre esses resultados. Porém, não se verifica para este ramo o contraponto de elevação significativa do volume de produção no segmento

primário, como verificado no ramo agrícola.

Enquanto no ramo agrícola os segmentos de insumos e primário apresentaram desempenho relativamente melhor que dos mesmos segmentos no agronegócio como um todo; no ramo pecuário o desempenho desses segmentos foi

comparativamente pior: -3,28% e -2,83% respectivamente, frente -2,93% e +0,91% respectivamente. Já quanto ao desempenho dos segmentos agroindustriais e de agrosserviços, o ramo pecuário apresentou, no acumulado do ano, desempenho relativamente melhor, embora também negativo: -3,66% e -3,19% frente a -4,15% e -3,55%, respectivamente.

Tabela 3. Ramo Pecuário: Taxas de variação mensal e acumulada no período (%)

| | Insumos | Primário | Agroindústria | Agrosserviços | Total |
|--------------------------|---------|----------|---------------|---------------|--------|
| ago/17 | -3,39% | -0,30% | -0,22% | -0,18% | -0,40% |
| Acumulado (jan-ago/2017) | -3,28% | -2,83% | -3,66% | -3,19% | -3,19% |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

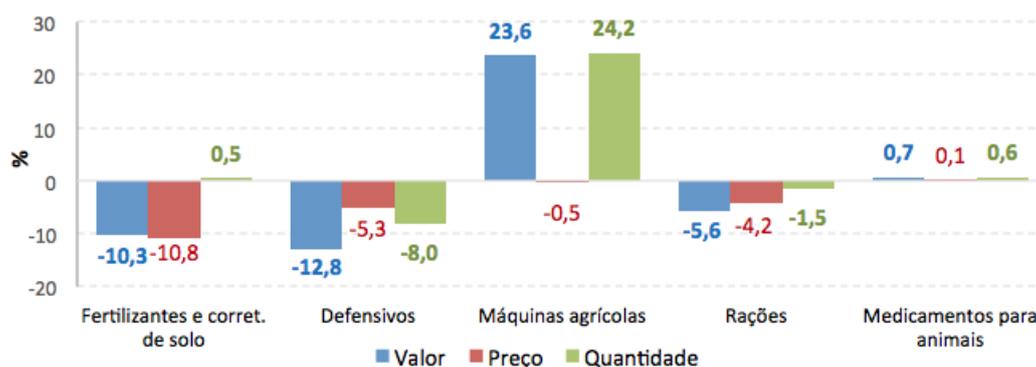
SEGMENTO DE INSUMOS: Atividade de máquinas agrícolas segue com alta produção

O segmento de insumos do agronegócio recuou 2,93% até agosto de 2017, e, entre julho e agosto, a baixa foi de 0,81%. Consequentemente, a projeção de desempenho para todo o ano, comparativamente

a 2016, segue negativa, em -4,36%¹. Dentre as indústrias do segmento de insumos acompanhadas, projeta-se crescimento significativo no faturamento para máquinas agrícolas (23,64%), leve alta em me-

dicamentos para animais (0,73%) e queda nos demais. A Figura 1 a seguir apresenta a variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias de insumos acompanhadas pelo Cepea.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços até agosto/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, Anda e Sindicatos).

Conforme dados apresentados na Figura 1, projeta-se forte crescimento de produção da indústria de máquinas agrícolas (24,20%) para 2017. A indústria de máquinas neste ano vem se beneficiando da safra recorde e da recuperação da confiança dos produtores, o que têm incentivado investimentos e, dessa forma, impulsionado a produção no período avaliado. Porém, agentes do setor ligados à indústria de máquinas agrícolas destacam que o bom desempenho que tem

sido observado em 2017 ainda é um movimento de recuperação das perdas verificadas nos anos anteriores.

Já na indústria de fertilizantes, os resultados têm sido pressionados por cotações mais baixas (10,79%), na comparação de janeiro a agosto de 2017 contra o mesmo período de 2016. De acordo com pesquisadores da equipe Custos Agrícolas/Cepea, a pressão nos preços reais dos principais fertilizantes neste período esteve

atrelada, principalmente, à valorização do real com relação ao mesmo período de 2016 e à elevada oferta de fosfatos e potássicos no mercado internacional, conforme já destacado em relatórios anteriores. Já para os defensivos, preços e produção em baixa pressionaram os resultados. Para a queda das cotações influenciaram, além da redução cambial, os altos estoques de passagem (que vêm se acumulando desde 2015).

SEGMENTO PRIMÁRIO: Volume de produção sustenta crescimento

Apesar do recuo de -0,90% entre julho e agosto de 2017, o segmento primário do agronegócio apresenta expansão de 0,91% no acumulado entre janeiro e agosto do corrente ano. Tal avanço segue

atrelado ao avanço de 2,83% do segmento primário do ramo agrícola, apesar da queda de 1,17% em agosto. No ramo pecuário, por sua vez, o segmento primário registrou retração de 2,83% no acumula-

do do ano e de 0,30% em agosto (Tabelas 2 e 3).

As projeções para o ano 2017 indicam expansão de 1,37% do segmento primá-

¹ Os resultados estimados mensais e do acumulado estão na Tabela 1. Já a projeção para 2017 está na Figura 5 do Anexo I.

rio do agronegócio, com alta de 4,27% para a agricultura e baixa de 4,21% para a pecuária². Estes resultados estão associados ao comportamento de preços no período, à previsão de volumes de produção e aos faturamentos das culturas agrícolas e atividades pecuárias em 2017, conforme Figuras 2 e 3 e Tabela 4 (que serão apresentadas a seguir).

Como já ressaltado em relatórios anteriores, o PIB do segmento primário agrícola tem sido impulsionado pelo forte

crescimento da produção, estimado em 14,29% para 2017. Por outro lado, os preços agrícolas seguem em retração, pressionando o resultado do PIB ao longo do ano. Na comparação entre janeiro a agosto de 2017 e o mesmo período do ano anterior, a baixa real nos preços médios do segmento foi de 12,47%. De forma similar, para o segmento primário da pecuária, os menores preços (-6,25%, em média) têm pressionado os resultados, enquanto que, para a produção, estima-se crescimento de 0,62% no ano.

Dentre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2017 para: algodão, arroz, banana, cana-de-açúcar, feijão, fumo em folha, laranja, mandioca, uva, madeira para celulose e lenha e carvão. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: batata, cacau, café, cebola, milho, soja, tomate, trigo e madeira em tora – Figura 2 e Tabela 4.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a ago/2017



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop)

Tabela 4. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento 2017/2016 com preços de jan a ago/2017

| Itens | Algodão em pluma | Arroz em casca | Banana | Batata | Cacau | Café beneficiado | Cana-de-açúcar | Cebola | Feijão | Fumo em folha |
|------------|------------------|-----------------|--------|--------|--------|------------------|----------------|--------------------------|------------------------|----------------|
| Valor | 19,41 | 18,02 | 4,21 | -69,40 | -33,60 | -17,84 | 5,71 | -38,41 | 55,75 | 29,11 |
| Preço | 0,64 | -7,71 | -0,86 | -71,89 | -33,50 | -5,74 | 7,49 | -40,11 | 15,13 | 0,05 |
| Quantidade | 18,64 | 27,87 | 5,12 | 8,86 | -0,15 | -12,84 | -1,65 | 2,84 | 35,28 | 29,04 |
| Itens | Laranja | Mandioca (raiz) | Milho | Soja | Tomate | Trigo em grão | Uva | Madeira tóra (exc. Cel.) | Madeira tóra- Celulose | Lenha e carvão |
| Valor | 17,94 | 53,92 | -17,40 | -4,11 | -32,69 | -46,29 | 27,36 | -0,37 | 4,50 | 7,03 |
| Preço | 17,58 | 56,26 | -43,82 | -19,78 | -36,16 | -25,99 | -17,69 | -1,75 | -0,86 | -4,86 |
| Quantidade | 0,31 | -1,50 | 47,03 | 19,53 | 5,44 | -27,44 | 54,74 | 1,40 | 5,40 | 12,50 |

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, Udop).

Dentre as culturas com crescimento do faturamento, a cana-de-açúcar apresentou variação positiva como reflexo do

crescimento real dos preços até agosto, de 7,49% na comparação com o mesmo período de 2016, visto que a projeção da

produção é de queda de 1,65% no ano. Segundo informações da Conab, apesar do leve aumento na produtividade das

² Para as projeções anuais do segmento primário, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

lavouras, a redução da área nesta temporada foi preponderante para tal resultado. Segundo a Companhia, em São Paulo, maior produtor nacional, a diminuição da área destinada à atividade foi motivada pela baixa renovação de canaviais, por problemas climáticos advindo do ano anterior, como seca e geadas, e pela devolução de terras arrendadas, por conta de ajustes de produção à demanda.

No caso do algodão, o resultado positivo na variação do faturamento foi sustentado pela alta na expectativa de produção (18,64%) para o ano e pelo aumento (0,64%) nos preços reais, na comparação entre janeiro a agosto de 2017 e o mesmo período de 2016. Segundo a equipe Algodão/Cepea, no final do mês de agosto, a pluma brasileira se valorizou devido ao recuo de alguns vendedores, especialmente tradings, por causa das expectativas negativas quanto à produção de algodão dos Estados Unidos, decorrente da passagem do furacão Harvey pelo país norte-americano. Segundo a Conab, o aumento na oferta brasileira está atrelado ao relevante ganho de produtividade nessa safra, diante de certa redução de área, principalmente no Nordeste e no Sudeste.

Para a laranja, o aumento real nos preços (17,58%) refletiu-se no bom resultado esperado para o faturamento anual da cultura, juntamente com a perspectiva de leve aumento no volume para o ano (0,31%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, o processamento da laranja nas grandes indústrias do estado de São Paulo seguiu aumentando em agosto, influenciando positivamente as cotações.

Para a mandioca, a elevação no faturamento está relacionada à alta nas cotações reais da cultura em 56,26% de janeiro a agosto de 2017 (em relação ao mesmo período de 2016), visto que o volume produzido caiu na expectativa de produção anual (1,5%). De acordo com a equipe Mandioca/Cepea, a estiagem atrasou os trabalhos de campo e principalmente a colheita, o que reduziu a oferta e impulsionou os preços em agosto.

Entre as culturas para as quais se espera redução do faturamento destaca-se o café, cuja variação negativa do fatura-

mento reflete tanto a queda na quantidade produzida, em 12,84%, como também o recuo dos preços, em 5,74% na comparação de janeiro a agosto 2017 e o mesmo período de 2016. Assim como já destacado em relatórios anteriores, a cultura está em ano de bialidade negativa na maior parte dos estados produtores, ou seja, menores produtividades médias na cultura e grandes áreas destinadas à renovação. Ao se avaliar preços, a equipe Café/Cepea destaca que, como efeito do baixo patamar das cotações do arábica em agosto, houve redução do poder de compra dos produtores da variedade frente aos adubos utilizados na cultura, o que pode afetar a realização dos tratamentos culturais para a próxima temporada. Para o café robusta, as cotações também seguiram em queda no mês de agosto.

Quanto ao milho, o menor faturamento esperado justifica-se pela forte queda nos preços reais (43,82%) na comparação com o mesmo período de 2016. Já na produção, a previsão é de aumento de 47,03% para o ano. Segundo a Conab, o menor preço do cereal pode influenciar produtores a reduzirem a área destinada à cultura para a próxima temporada. Diante das quedas nos preços, segundo a equipe Grãos/Cepea, produtores se retraíram em agosto, postergando a negociação do cereal na espera de preços maiores.

Com relação ao trigo, a queda no faturamento anual foi puxada pelas expressivas reduções de produção anual (27,44%) e preços reais (25,99%) na comparação entre períodos. De acordo com o levantamento da Conab, o rendimento obtido pela cultura está abaixo do esperado e a diminuição da produção registrada se deve a condições das lavouras, que estão entre regulares e ruins – há elevada desuniformidade devido a adversidades climáticas. Com relação a preços, a equipe Grãos/Cepea destaca que os valores do trigo subiram de junho a agosto, apesar da baixa acumulada de janeiro a agosto, em função dos baixos volumes disponíveis para negociação e da maior procura dos moinhos. Incertezas climáticas no Brasil e nos principais países fornecedores do cereal ao mercado nacional (Paraguai, Estados Unidos e Ar-

gentina) também foram fatores de sustentação dos preços no período.

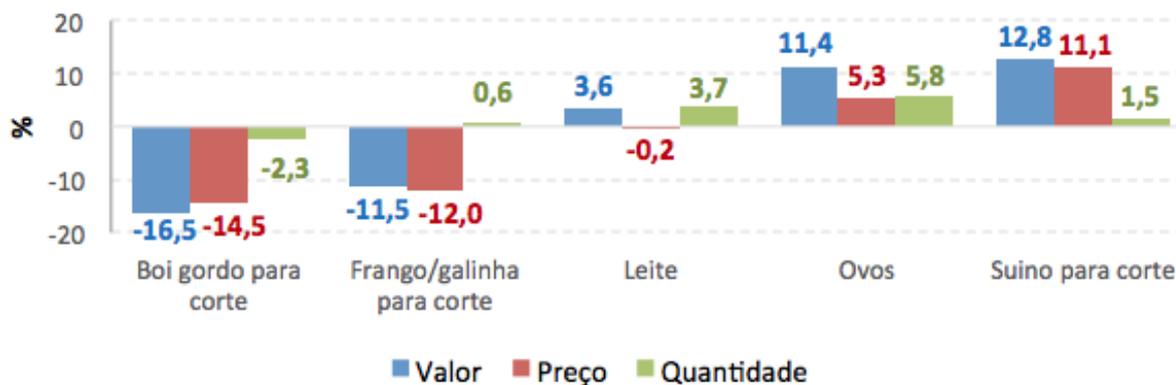
No caso da soja, a queda do faturamento está relacionada à baixa das cotações reais, de 19,78%, em contraposição à expectativa de aumento da produção, estimada em 19,53% para o ano. De acordo com a Conab, produtores de alguns estados sinalizam acréscimo na área cultivada, motivados pelo bom resultado produtivo na safra anterior e pela melhor relação de preços e liquidez quando se compara ao milho. De acordo com a equipe Soja/Cepea, os preços da oleaginosa caíram no Brasil e nos Estados Unidos em agosto, devido às expectativas de que a oferta se sobressaia à demanda mundial pelo grão no final da temporada. Além disso a melhora na qualidade da safra norte-americana e a maior oferta nacional também pressionaram as cotações no mês.

Para a cebola, o resultado negativo no faturamento ocorre via menores preços (40,11%), apesar do aumento estimado de produção no ano (2,84%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, algumas propriedades deixaram de ofertar durante algumas semanas de agosto, devido às chuvas durante o semeio em maio. Além disso, vários produtores desaceleraram a colheita para não aumentar os estoques e, desta maneira, evitar mais quedas nas cotações.

No caso da batata, o recuo do faturamento está vinculado à forte queda nos preços reais, de 71,89% na comparação entre os oito primeiros meses do ano e o mesmo período de 2016, enquanto a projeção da produção para o ano segue em alta, de 8,86%. Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, a produtividade vem aumentando no decorrer da temporada de inverno, devido às melhores condições climáticas ao desenvolvimento das lavouras. Com relação a preços, porém, há a expectativa no mercado de melhora apenas para o final deste ano.

Para o segmento primário da pecuária, dentre as atividades acompanhadas, verifica-se alta no faturamento para leite, suínos e ovos, mas baixa para bovinos e frango (para corte), conforme Figura 3.

Figura 3. Pecuária: Variação anual estimada do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a agosto/2017 em comparação com janeiro a agosto/2016)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

Na atividade leiteira, o faturamento em alta é reflexo do aumento na produção anual (3,72%), já que os preços apresentaram queda de 0,15% na comparação entre períodos. De acordo com a equipe Leite/Cepea, o movimento de queda no preço do leite recebido por produtores neste ano foi iniciado precocemente, já em junho, e se intensificou em agosto. Conforme já mencionado em relatórios anteriores, o recuo na cotação do leite no campo continua ocorrendo em razão da demanda enfraquecida por lácteos, causada pela queda no poder de compra de consumidores.

Na avicultura de corte, o faturamento em baixa está relacionado à queda nos preços reais, de 12,01%, visto que a expectativa de produção obteve aumento

em 0,62% para o ano. Já na avicultura de postura, os preços em 2017 estão 5,27% maiores, também na comparação entre períodos, e a produção, 5,78% maior. Segundo a equipe Frango/Cepea, o preço da carne apresentou quedas consecutivas nos últimos 10 meses. Já para ovos, a demanda interna aquecida tem sustentado as cotações.

Para a bovinocultura de corte, a variação negativa do faturamento é decorrente, principalmente, da queda nos preços (14,55%) na comparação entre períodos. Quanto à produção, a expectativa de redução é de 2,25% para o ano. Segundo a equipe Boi/Cepea, com a intensificação da seca, praticamente não há mais animais de pasto no mercado e a cadeia vive o período da “entressafra”, o que vem

ajudando na recuperação de preços nos últimos meses, apesar da forte baixa acumulada no período.

Com relação à suinocultura, houve aumento estimado na produção (1,51%), mas o aumento nos preços, em 11,09% na comparação entre períodos, foi o principal impulso à variação positiva do faturamento. Segundo a equipe Suínos/Cepea, em agosto, os embarques de carne suína escoaram estoques domésticos e contribuíram com a estratégia do setor de ajustar a oferta, já que a demanda interna não esteve tão firme no período. Com isso, os preços aumentaram no mês. Destaca-se, também, que os suinocultores estão aproveitando os menores preços do milho e do farelo de soja no País para regular o peso dos animais.

SEGMENTO INDUSTRIAL: PIB agroindustrial segue em queda

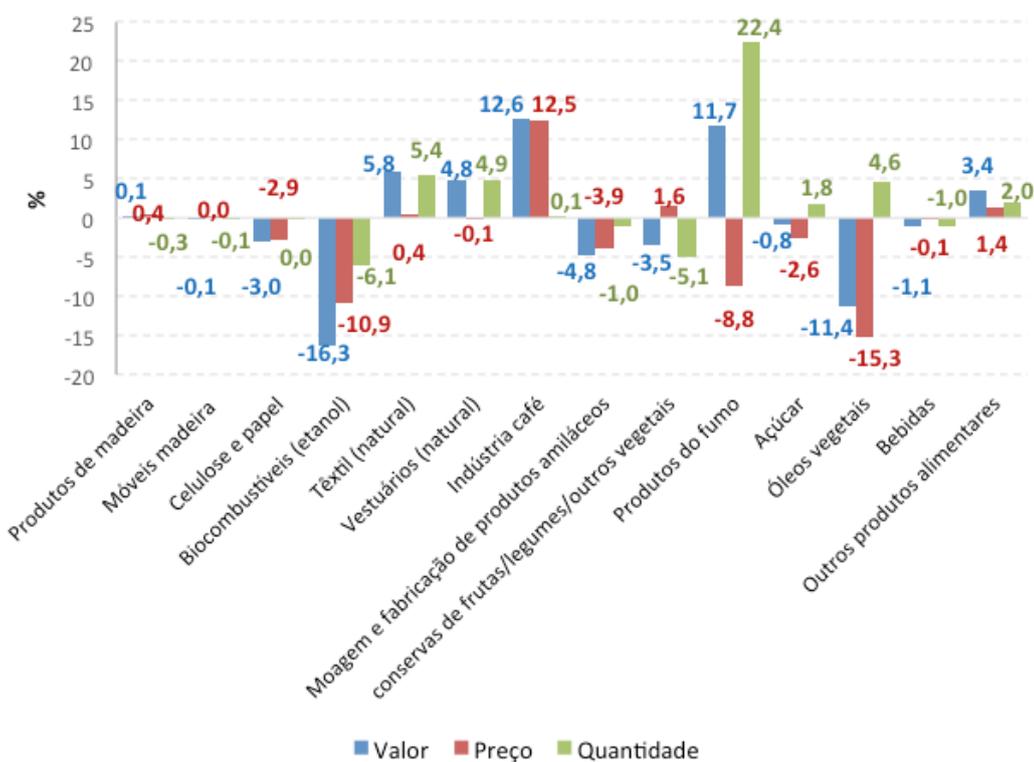
O segmento industrial voltou a apresentar leve queda em agosto (-0,07%) acumulando retração de -4,15% entre janeiro e agosto de 2017 (ver Tabela 1). Tanto a indústria de base agrícola quanto pecuária apresentaram quedas no mês, de 0,03% e 0,22%, respectivamente. No acumulado de janeiro a agosto, os resultados também foram negativos para ambos os ramos: -4,28% e -3,66% respectivamente (Tabelas 2 e 3). A projeção anual permanece, portanto, negativa para a agroindústria total (-6,15%),

bem como para as de bases agrícola (-6,36%) e pecuária (-5,43%).

O faturamento da indústria agrícola recuou 2,89%, o que reflete principalmente a baixa real de 3,88% nos preços médios do segmento. Para a produção, estimou-se alta de 1,03% (para a média das indústrias acompanhadas). No caso da indústria de base animal, o recuo de 5,75% no faturamento decorre de preços 4,65% menores e do recuo de 1,16% na produção.

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola que tiveram destaque, com crescimento do faturamento, foram: têxteis e vestuário (de base natural), café, fumo, produtos de madeira e outros produtos alimentares. A projeção para as demais indústrias acompanhadas é de recuo no faturamento. O comportamento das indústrias agrícolas analisadas com dados até agosto/2017 é apresentado na Figura 4.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

Na indústria açucareira, verifica-se queda de 2,56% nos preços, na comparação entre janeiro a agosto de 2017 com o mesmo período de 2016, com projeção de elevação na produção esperada para o ano, em 1,08%. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, em agosto, os valores do açúcar cristal negociados no mercado spot de São Paulo continuaram em queda, voltando para a casa dos R\$ 52,00/saca, patamar que não era observado desde julho/15, em termos reais, motivados pela elevação da oferta.

Já para o mercado de biocombustíveis (etanol), a expectativa anual de produção é de baixa de 6,08%. De acordo com a Conab, esse recuo está relacionado ao aumento observado no consumo de gasolina no ano anterior, que corrobora os preços do etanol anidro nas misturas de combustível, além da maior produção de açúcar no período, influenciada pela alta de preços verificada para este produto. Para os preços do combustível, a queda real foi de

10,85% na comparação entre períodos.

Para as atividades de têxtil e vestuário de base natural, a variação de faturamento é positiva, advinda principalmente do aumento na quantidade produzida, de 5,4% e de 4,9% respectivamente. Os preços reais dos têxtis tiveram leve elevação de 0,41%, enquanto os do vestuário de base natural apresentaram ligeira queda de 0,12% na comparação entre os oito primeiros meses de 2017 e o mesmo período de 2016. Segundo análises de mercado divulgadas pelo jornal Valor Econômico, o setor têxtil enfrenta problemas com o câmbio menos favorável ao Brasil, acarretando em novo aumento no déficit da balança comercial do setor.

Para a indústria do café, o faturamento em alta é reflexo da expectativa de pequeno crescimento anual de produção de 0,1% e do aumento nas cotações reais, em 12,5%. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic),

a indústria de cafeeira continua aprensiva em relação ao cenário de baixa oferta de grão.

Com relação às indústrias pecuárias, os dados são apresentados na Tabela 5. É possível observar que todas as indústrias apresentaram variação negativa na expectativa de faturamento anual.

Na indústria do abate, o desempenho negativo do faturamento anual é resultado da queda nos preços (-4,62%) e da estimativa de redução da produção no ano (-1,24%). No caso da indústria de laticínios, o faturamento em baixa também é reflexo do recuo da produção anual, estimado em 1,2%, e das cotações reais, em 5,38% na comparação entre períodos. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Leite Longa Vida (ABLV), as indústrias de leite longa vida do País estão trabalhando com margem negativa, situação provocada por uma fraca demanda no varejo.

Tabela 5. Variação anual estimada do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

| | Couro e calçados | Abate e preparação carnes e pescado | Laticínios |
|------------|------------------|-------------------------------------|------------|
| Valor | -2,79 | -5,79 | -6,52 |
| Preço | -2,78 | -4,62 | -5,38 |
| Quantidade | -0,21 | -1,24 | -1,20 |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: Agrosserviços recuam, refletindo a baixa do segmento industrial

Como observado na Tabela 1, os agrosserviços também recuaram em agosto (-0,39%), mantendo o movimento de retração acumulada no ano que chegou a -3,55% entre janeiro e agosto de 2017. Tal queda está re-

lacionada tanto ao ramo pecuário - cujo PIB dos agrosserviços recuou 3,19% no acumulado do ano - quanto ao agrícola, cuja queda foi de 3,73% no mesmo período. Para o ano, projeta-se retração de 5,28% para os agrosserviços, sendo

-5,54% no ramo agrícola e -4,74% no pecuário³. Estes resultados acompanham as quedas verificadas principalmente nos segmentos agroindustriais, tanto agrícola quanto pecuário.

CONCLUSÕES

A evolução do PIB do Agronegócio em Agosto de 2017 demonstra que o setor segue sendo adversamente afetado pela queda real de preço de importantes produtos dos segmentos primário e industrial. Isso tem levado à queda na renda gerada no agronegócio ao longo de 2017.

Com dados disponíveis até Agosto/17, estima-se que o PIB do agronegócio brasileiro tenha recuado -2,58% no acumulado dos primeiros oito meses do ano. O segmento primário, ou agropecuário, segue com crescimento de 0,91%, mas também sente os efeitos da redução real de preços no mercado. Considerando-se a variação do faturamento do segmento primário, estima-se crescimento de

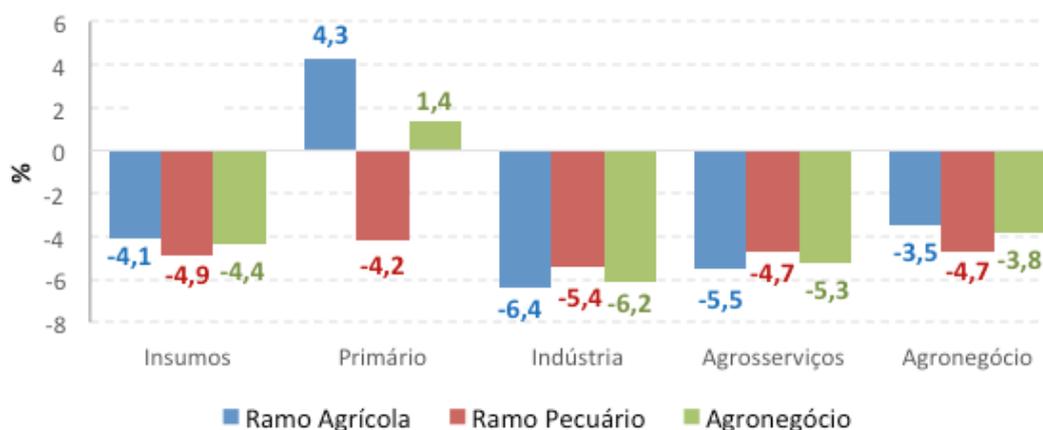
14,72% e 0,62% respectivamente, nos volumes de produção dos ramos agrícola e pecuário. Quanto aos preços, as estimativas apontam retrações de -12,47% e -6,25%, respectivamente.

Tais resultados têm levado a uma revisão mais pessimista das projeções, para 2017, de desempenho do PIB do Agronegócio. Com dados disponíveis até agosto, as projeções apontam recuo de -3,84% para o PIB do Agronegócio como um todo, a partir de uma retração de -3,45% no ramo agrícola e de -4,75% no ramo pecuário. Pela ótica dos segmentos, o primário deve crescer 1,37%, amenizando o efeito das retrações dos segmentos de insumos (-4,36%), agroindustrial (-6,15%), e de agrosserviços (-5,28%).

Com relação ao PIB-volume do agronegócio, calculado pelo critério de preços constantes, ou seja, considerando-se apenas a variação do volume de produção, a taxa anual de crescimento do agronegócio apresenta-se em 6,29% na avaliação de agosto/17, com evolução de 1,68% em insumos, de 17,67% para primário, de 0,54% para indústria e de 4,02% para serviços (Tabela A4 – Anexo I). A análise desse resultado, quando avaliada de forma conjunta com o PIB do Agronegócio pela ótica da renda (conforme avaliado ao longo deste relatório – ver nota metodológica no Anexo I, A5), explicita o papel negativo da redução real dos preços do agronegócio - frente aos demais preços da economia - sobre a renda gerada pelo setor.

ANEXO I – PROJEÇÕES ANUAIS, TABELAS DE DADOS E METODOLOGIA

A1) FIGURA 5. TAXAS (%) DE CRESCIMENTO DO PIB DO AGRONEGÓCIO 2017/16 (DADOS DE JANEIRO A AGOSTO)



Fonte: Cepea/USP e CNA.

³ Para a projeção anual do segmento de agrosserviços, tanto do ramo agrícola como pecuário, ver Figura 5 do Anexo I.

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL, ACUMULADO DO PERÍODO E ANUAL (EM %)

AGRONEGÓCIO

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|---------------------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,28 | 1,34 | -0,53 | -0,15 | 0,16 |
| fev/17 | -0,38 | 1,43 | -1,26 | -0,77 | -0,29 |
| mar/17 | 0,33 | 0,97 | -0,77 | -0,44 | -0,13 |
| abr/17 | -0,50 | 0,17 | -0,47 | -0,24 | -0,23 |
| mai/17 | -0,65 | 0,12 | 0,08 | 0,13 | 0,05 |
| jun/17 | -1,00 | -1,15 | -0,79 | -1,00 | -1,00 |
| jul/17 | -0,23 | -1,04 | -0,40 | -0,74 | -0,71 |
| ago/17 | -0,81 | -0,90 | -0,07 | -0,39 | -0,46 |
| Acumulado (jan-ago) | -2,93 | 0,91 | -4,15 | -3,55 | -2,58 |
| Variação Anual | -4,36 | 1,37 | -6,15 | -5,28 | -3,84 |

RAMO AGRÍCOLA

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|---------------------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,22 | 1,90 | -0,56 | -0,05 | 0,30 |
| fev/17 | -0,41 | 2,17 | -1,28 | -0,60 | -0,07 |
| mar/17 | -0,39 | 1,60 | -0,85 | -0,41 | -0,03 |
| abr/17 | -0,77 | 0,55 | -0,49 | -0,27 | -0,19 |
| mai/17 | -0,88 | -0,03 | -0,06 | -0,15 | -0,16 |
| jun/17 | -1,21 | -1,31 | -0,70 | -1,03 | -1,04 |
| jul/17 | 0,02 | -0,85 | -0,39 | -0,79 | -0,67 |
| ago/17 | 0,66 | -1,17 | -0,03 | -0,50 | -0,49 |
| Acumulado (jan-ago) | -2,74 | 2,83 | -4,28 | -3,73 | -2,31 |
| Variação Anual | -4,08 | 4,27 | -6,36 | -5,54 | -3,45 |

RAMO PECUÁRIO

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|---------------------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,39 | 0,15 | -0,43 | -0,36 | -0,19 |
| fev/17 | -0,32 | -0,18 | -1,17 | -1,12 | -0,82 |
| mar/17 | 1,59 | -0,38 | -0,48 | -0,51 | -0,35 |
| abr/17 | -0,01 | -0,56 | -0,39 | -0,17 | -0,32 |
| mai/17 | -0,25 | 0,56 | 0,55 | 0,71 | 0,58 |
| jun/17 | -0,62 | -0,75 | -1,12 | -0,96 | -0,92 |
| jul/17 | -0,65 | -1,40 | -0,45 | -0,62 | -0,81 |
| ago/17 | -3,39 | -0,30 | -0,22 | -0,18 | -0,40 |
| Acumulado (jan-ago) | -3,28 | -2,83 | -3,66 | -3,19 | -3,19 |
| Variação Anual | -4,88 | -4,21 | -5,43 | -4,74 | -4,75 |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A3) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|--------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,05 | 0,31 | 0,28 | 0,36 | 1,00 |
| fev/17 | 0,05 | 0,31 | 0,28 | 0,36 | 1,00 |
| mar/17 | 0,05 | 0,31 | 0,28 | 0,36 | 1,00 |
| abr/17 | 0,05 | 0,30 | 0,28 | 0,37 | 1,00 |
| mai/17 | 0,05 | 0,28 | 0,27 | 0,41 | 1,00 |
| jun/17 | 0,05 | 0,27 | 0,28 | 0,41 | 1,00 |
| jul/17 | 0,05 | 0,27 | 0,28 | 0,41 | 1,00 |
| ago/17 | 0,05 | 0,26 | 0,28 | 0,41 | 1,00 |

RAMO AGRÍCOLA

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|--------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,05 | 0,31 | 0,30 | 0,34 | 1,00 |
| fev/17 | 0,05 | 0,31 | 0,30 | 0,34 | 1,00 |
| mar/17 | 0,05 | 0,31 | 0,30 | 0,34 | 1,00 |
| abr/17 | 0,05 | 0,30 | 0,31 | 0,34 | 1,00 |
| mai/17 | 0,04 | 0,27 | 0,30 | 0,39 | 1,00 |
| jun/17 | 0,04 | 0,26 | 0,31 | 0,39 | 1,00 |
| jul/17 | 0,04 | 0,26 | 0,31 | 0,39 | 1,00 |
| ago/17 | 0,04 | 0,25 | 0,31 | 0,39 | 1,00 |

RAMO PECUÁRIO

| Mês | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|--------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| jan/17 | 0,05 | 0,31 | 0,22 | 0,42 | 1,00 |
| fev/17 | 0,05 | 0,31 | 0,22 | 0,41 | 1,00 |
| mar/17 | 0,06 | 0,31 | 0,22 | 0,42 | 1,00 |
| abr/17 | 0,06 | 0,30 | 0,22 | 0,42 | 1,00 |
| mai/17 | 0,06 | 0,28 | 0,21 | 0,45 | 1,00 |
| jun/17 | 0,06 | 0,29 | 0,21 | 0,45 | 1,00 |
| jul/17 | 0,06 | 0,28 | 0,21 | 0,45 | 1,00 |
| ago/17 | 0,05 | 0,28 | 0,21 | 0,46 | 1,00 |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

A4) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio

| | Insumos | Primário | Indústria | Agrosserviços | Total |
|---------------|---------|----------|-----------|---------------|-------|
| Agronegócio | 3,2 | 26,3 | 1,0 | 6,4 | 9,2 |
| Ramo Agrícola | -1,0 | 1,1 | -1,3 | -0,9 | -0,4 |
| Ramo Pecuário | 1,7 | 17,7 | 0,5 | 4,0 | 6,3 |

Fonte: Cepea/USP e CNA.

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, da variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A5) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, e a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O

agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse con-

junto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produ-

ção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que retratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio:** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.
- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete

a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao que se refere a meses e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.** Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>

Boletim PIB é elaborado pela Coordenação do Núcleo Econômico da Superintendência Técnica da CNA em parceria com o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq-USP).



CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL
 SGAN - Quadra 601 - Módulo K - Brasília/DF
 (61) 2109-1419 | cna.comunicacao@cna.org.br

Responsáveis técnicos:

Bruno Barcelos Lucchi/ Renato Conchon/ Paulo André Camuri



Reprodução permitida desde que citada a fonte